

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

RICARDO PATRÍCIO CORRÊA

**MARCAS IDENTITÁRIAS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E A
ARTE**

CRICIÚMA

2014

RICARDO PATRÍCIO CORRÊA

**MARCAS IDENTITÁRIAS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E A
ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
bacharel no Curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientadora Prof^a Silemar Maria de
Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2014

RICARDO PATRÍCIO CORRÊA

**MARCAS IDENTITÁRIAS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E A
ARTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 24 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre - UNESC - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista - (UNESC)

Prof^a. Angélica Neumaier - Especialista - (UNESC)

Dedico esta pesquisa à minha mãe Raquel, que foi a principal pessoa em me ajudar a realizar a graduação. Com grande motivação, me dando apoio, força e carinho sempre quando necessário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente as pessoas que no decorrer de minha vida dividiram experiências comigo, ampliando e contribuindo em meu aprendizado, revendo conceitos e diferentes maneiras de ver o mundo.

À minha mãe Raquel por tudo que tem me proporcionado e ensinando até hoje, se fazendo presente em todos os momentos de minha vida e principalmente por ser a maior influência e exemplo de vida.

Aos amigos que estiveram presentes e fazem parte da minha vida, seja no trabalho, na universidade ou no final de semana, pessoas que também contribuíram de alguma maneira em meu caminho percorrido revelando o que sou hoje.

Aos professores, que contribuíram para meu aprendizado, mas aqui em especial a minha orientadora, Silemar, por acreditar, me incentivar e contribuir de maneira tão grande e significativa na realização deste, assim como no decorrer do curso.

E às pessoas que de alguma maneira passaram por minha vida e contribuíram direta ou indiretamente na construção da identidade de que aqui busco refletir.

“Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofado quebradiço da vida chama-se ‘identidade’.”

Zygmunt Bauman

RESUMO

A presente pesquisa remete às marcas identitárias do sujeito e propõe reflexões sobre identidade cultural e a arte na pós-modernidade. Traz como problema: de que forma elaborar uma produção artística que possa dialogar com diferentes olhares no sentido de relembrar marcas identitárias? Ela parte das concepções de cultura, identidade, identidade cultural e de arte. Faz-se enquanto uma pesquisa bibliográfica que dialoga com Stuart Hall (1996, 2005, 2009), Nestor Canclini (1987), Zygmunt Bauman (1999, 2005), entre outros, para melhor compreender o movimento pós-moderno. Sustentando ainda um diálogo teórico sobre identidade cultural, e arte a partir de Roque Laraia (2001), Michel de Certeau (2001), Carol Strickland (2003) e Anne Cauquelin (2005). Trata-se de uma pesquisa em arte que evidencia uma produção artística que chamo de videoinstalação, a qual trabalha com o vídeo e desenhos, no sentido de um possível diálogo com o público sobre marcas identitárias. A relevância dessa pesquisa se dá na possibilidade de melhor compreender questões sobre arte e marcas de identidades nesse contexto marcado pelas diferenças, um contexto marcado também pela globalização. A relação do sujeito com diferentes culturas é cenário da produção artística que se materializa no movimento que se constrói nos desenhos, olhares, fazeres, fotografias e tantas outras possibilidades que aqui se completa no olhar do outro.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Arte; Cultura; Globalização.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Autorretrato parte da obra.....	40
FIGURA 2: Autorretratos parte da obra.....	41
FIGURA 3: Construção do stop motion no estúdio fotográfico.....	43
FIGURA 4: Croqui da videoinstalação.....	44
FIGURA 5: Desenhos parte da vioinstalação.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. MAPENADO OS CAPÍTULOS	10
1.2. QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	12
2. CULTURA E ARTE OU ARTE E CULTURAS?.....	14
2.1. O INAUGURAL TERMO: CULTURA.....	17
2.2. PROPOSTAS DO CULTIVAR.....	19
3. IDENTIDADES / IDENTIDADES CULTURAIS	23
3.1. IDENTIDADE CULTURAL: UNIFICADA OU EM CONSTANTE MUTAÇÃO	25
3.2. A IDENTIDADE CULTURAL POR DIFERENTES OLHARES	26
3.3. IDENTIDADE OU IDENTIDADES	28
4. IDENTIDADE CULTURAL: RELAÇÃO TEMPO/ESPAÇO	32
4.1. GLOBALIZAÇÃO E ARTE.....	33
5. PRODUÇÃO ARTÍSTICA	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
7. REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que se apresenta faz-se enquanto um trabalho de conclusão de curso e vem propor reflexões sobre identidade cultural e arte, o que e como elas se apresentam em diálogo com o indivíduo e a cidade. O interesse por esse tema se deve, além da área de minha formação, a diferentes cidades onde por algum tempo passei, e em específico falo de Criciúma – SC. Algumas dúvidas como: onde está nossa cultura? Ainda existem marcas de uma herança cultural? Ou a globalização tomou conta e padronizou toda a população com uma só identidade? O que podemos chamar de identidade? Como se constitui na contemporaneidade? Como o artista vem se relacionando com essas questões? Como construir uma poética a partir dessas questões?

O trabalho apresentado parte de uma proposta de pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2014. Dialoga com autores como Stuart Hall (2005), Jorge Coli (1995), Zygmunt Bauman (1999, 2005), entre outros. Envolve pesquisas bibliográficas: livros e artigos na busca de maior entendimento sobre o que acontece com a identidade no individual e no coletivo. A relevância desse percurso se constrói pela compreensão, aceitação e reconhecimento de onde, como e o porque somos o que somos. O presente desafio dialoga com a intenção de fazer da arte um ponto de partida e um ponto de chegada para nos instigar e criar dúvidas sobre aquilo que nos tornamos.

Assumo, assim, como problema de pesquisa: “de que forma elaborar uma produção artística que possa dialogar com diferentes olhares no sentido de relembrar marcas identitárias?” Para tanto, o caminho percorrido parte de reflexões sobre concepção de cultura, identidade, arte e identidade cultural. Discutir sobre questões que cercam a identidade, compreender de que maneira a cultura se dá na sociedade em um mundo pós-moderno, onde a globalização acontece, e de alguma forma busca padronizar todas as diferentes culturas.

Quando penso em meus avós por exemplo, consigo lembrar conversas de como era antigamente, praticamente outra sociedade que não conheci. O crescimento das cidades é o melhor argumento para expor a evaporação das

marcas identitárias que colonizaram nossas cidades, e a arte veste-se desses movimentos de mudança. Busco, assim, uma maneira poética, no qual pontuo um processo de criação de uma produção artística que tenha a intenção de interagir com um observador sobre as lembranças de sua história.

Refletir sobre a existência ainda de uma cultura, ou de uma identidade própria que caminha nas dúvidas e certezas de que talvez sejamos todos formados pela miscigenação de várias culturas, é o desafio dessa pesquisa. Nestor Canclini (2008) fala de culturas híbridas e certamente auxiliará nessas reflexões.

A pesquisa tem relevância no fato de que o artista é um dos principais precursores de cultura, que logo, fazem parte do contexto que é apresentado para os indivíduos de uma sociedade, de modo que, os mesmos se apropriam dessa cultura para a formulação de suas marcas identitárias. No mundo contemporâneo, a cultura propulsora de conhecimento deixa de ser unificada, atribuindo inúmeros valores e referências para o seu desenvolvimento, e logo, no desenvolvimento da identidade cultural do sujeito. A questão se estabelece no fato de que, com uma vasta diversidade de conhecimentos, costumes, símbolos na sociedade; como aparece hoje, no mundo pós-moderno essa identidade cultural? A globalização nos transformou livres para agir diante de nossos próprios pensamentos ou padronizou a todos, como um regresso no contexto histórico, de unificar as culturas? De que forma responder ao problema dessa investigação?

1.1. MAPENADO OS CAPÍTULOS

Com o título: Cultura e arte ou arte e culturas? – O segundo capítulo parte do que seria cultura e arte, e seu comportamento na sociedade, como se estabelece uma relação entre ambas. A pesquisa se estabelece com autores como Laraia (2006), Coli (2002), Fishman (2004) e outros. Traz um subcapítulo chamado: O inaugural termo: Cultura, o qual propõe uma introdução do que seria cultura, partindo de conceitos e ideias de autores como Laraia (2006) e Certeau (2001). Na sequência trata de propostas do cultivar, abordando concepções dos diferentes significados que constituem a cultura, ou como se mostra no texto o plural, culturas.

Para compreender a relação que as culturas existentes têm com a sociedade, autores como Botelho (2001), Rubim (1997) e Canclini (1987) fazem parte dessa discussão e da necessidade que a cultura tem de estar sempre em movimento.

Identities/Identities Culturais é tema do terceiro capítulo da pesquisa e busca reflexões a partir dos autores Hall (2005) e Bauman (2005) no exercício de melhor conceituar o que é a identidade, os fatores que causam sua formação relacionados com a cultura e pontua essa relação de identidade e identidade cultural. Aborda a identidade cultural: unificada ou em constante mutação, como subcapítulo, nesse sentido remete-se aos aspectos que denominam a identidade cultural, qual a relação que tem com o sujeito e como se encontra esse processo na sociedade.

A identidade cultural por diferentes olhares – Neste subcapítulo, com base nas afirmações de Hall (2005), mostra a relação da identidade cultural em diferentes épocas históricas da sociedade, como se apresentava e quais foram suas transformações.

Questões sobre Identidade ou identidades, é trazida aqui do ponto de vista depois da modernidade, e que denomina o sujeito como pós-moderno e mostra. Autores como Santos (2004) e Lafer (2001) contribuem nas ideias junto com Bauman (2005) e Hall (2005) para a compreensão sobre quais seriam os processos que causaram as transformações da identidade e a possível ideia do indivíduo pertencente de várias identidades.

No quarto capítulo, o tema é: Identidade Cultural: Relação tempo/espaço. Nesse momento a pesquisa chega com a discussão de uma crise na identidade, o que constitui essa crise e a relação que ela tem com o tempo e o espaço. Esse capítulo proposto continua na linha de raciocínio junto com os autores Bauman (2005) e Hall (2005). Traz como subcapítulo: Globalização e Arte, o qual evidencia a globalização como a era da tecnologia e que é vivida na pós-modernidade, realça os acontecimentos que ela acarreta na identidade do indivíduo e na arte. Nessa perspectiva, autores como Canton (2009), Seidel (2001), Dos Anjos (2005), Cauquelin (2005) e outros, mostram as diferentes representações que a arte tem nesse período, como ela se denomina e quais suas intenções. A proposta de relacionar tudo isso a arte materializa na construção de uma produção artística

partindo de uma construção identitária, que enquanto dialoga com o contexto traz para cena o autor e suas marcas identitárias

1.2. QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A pesquisa se intitula como: “Marcas identitárias: Reflexões sobre identidade cultural e a arte”, e visa compreender o processo de construção da identidade cultural do sujeito, relacionando a cultura e a arte. Busca a criação de uma produção artística sobre a identidade cultural no sujeito pós-moderno. Propõe a descoberta de novos conhecimentos, que ocorre na intenção de encontrar respostas para um determinado problema. De acordo com Gil a pesquisa é definida como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (2007, p. 17).

Trata-se de uma investigação que parte da linha de pesquisa em Processos e Poéticas, do curso de Arte Visuais Bacharelado, que trabalha com processos e contextos de criação contemporânea articulando cultura, análise crítica, histórica e sociológica da arte em contextos regionais, nacionais e internacionais, e o estudo sobre identidade e cultura.

Quanto à forma de abordagem do problema, ela se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que busca percepções e o entendimento sobre a natureza de uma determinada questão. Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2012, p. 21, 22).

Quanto aos objetivos pretendidos, embora não aborde entrevistas, se caracteriza como uma pesquisa exploratória. Ela tem base em materiais publicados,

como livros e artigos. Para Gil (2007, p.41) “pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, incluindo levantamento bibliográfico e entrevistas”. Ou seja, quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que busca informações sobre cultura, globalização, arte e identidade cultural através de livros que objetivam ampliar o olhar sobre os temas propostos. Segundo Lakatos e Marconi:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita [documentos eletrônicos]. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. (2001, p.43, 44).

A pesquisa sobre identidade cultural, relacionando a cultura e a arte, se completa na materialização de uma produção artística com a intenção de provocar reflexões sobre os temas propostos. A presente pesquisa busca, assim, "operar entre o conceitual e o sensível, entre a teoria e a prática, entre a razão e o sonho. Mas que a palavra *entre* [...] se trata de operar no constante *vaivém* entre esses diferentes registros" (LANCRI, 2002, p.19). A relação do ir e vir, de estar sempre em movimento, propõe um diálogo da razão com a imaginação. Trata-se de uma pesquisa que se revela como uma pesquisa em arte, remetendo ao que defende Zamboni:

[...] vou empregar o termo pesquisa em arte para designar exclusivamente as pesquisas relacionadas a criação artística, que se desenvolvem visando como resultante final a produção de uma obra de arte, e que são empreendidas, em virtude desse fato, por um artista (2006, p.7).

Proponho assim, um diálogo visual sobre a transformação que sofre a identidade cultural do indivíduo na sua formação.

2. CULTURA E ARTE OU ARTE E CULTURAS?

Cultura é uma palavra que vem do latim *colere*, que significa cultivar, a princípio ligado à agricultura, e que no século XVIII ganha um sentido metafórico, para se referir ao desenvolvimento de diferentes ciências humanas (LARAIA, 2006).

O entendimento por cultura se remete a muitos significados. A princípio nos dá um conhecimento básico que seria tudo aquilo que foi criado pela humanidade, desde bens materiais até suas diferentes línguas e ideologias, todo o conhecimento adquirido e aprendido pelo ser humano. Nesse sentido a arte se faz como parte dessa cultura. Para compreender melhor essa relação cultura e arte ou arte e culturas, proponho, em um primeiro momento, algumas concepções do que seria arte, quais seus fundamentos que proporcionam essa relação importante para ambas as áreas.

Na intenção de melhor conhecer o que seria arte, trago Azevedo Junior (2007, p. 7) onde ele afirma que: “a arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico (desenho, pintura, escultura, arquitetura etc.) e que possui em si o seu próprio valor”. Tendo ela uma natureza estética e que busca emoção, admiração e reflexão, necessita de um pensamento que se transforma determinado por cada cultura. Para Jorge Coli (2002):

É possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas (p. 8).

A arte foi criada pelo homem desde a pré-história, onde usavam diferentes materiais, ainda que primitivos, reproduziam imagens em cavernas ou rochas, que serviam para expressar suas necessidades, ou a necessidade de se expressar. Segundo Souza e Ferraz:

O homem independentemente do período histórico que tenha vivido sempre sentiu necessidade de se expressar por meio de desenhos, pinturas, fotografias, música, dança, escrita, ou seja, a comunicação e expressão fazem parte da natureza humana (2006, p.153).

O fazer artístico foi se estabilizando e criando diferentes valores conforme seu contexto histórico, e busca representar a realidade, a imaginação, signos, sentimentos, se tornando uma linguagem que possibilita diferentes conhecimentos que interagem com diferentes culturas.

A capacidade de uma pintura de fazer sentido (ou de poemas, melodias, edifícios, vasos, peças teatrais, ou estátuas), que varia de um povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas, um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência. O mesmo se aplica à capacidade ainda mais rara de criar essa sensibilidade onde não existia. A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. Uma teoria da arte, portanto, é, ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo. E, sobretudo se nos referimos a uma teoria semiótica da arte, esta deverá descobrir a existência desses sinais na própria sociedade, e não em um mundo fictício de dualidades, transformações, paralelos e equivalências (GEERTZ, 1997, p.165).

Aprendemos o tempo todo porque somos humanos, a relação com a arte, a capacidade de fazer ou interpreta-lá serão adquiridas conforme ampliamos nossas experiências, a relação do indivíduo com o mundo pode estar ligado à sua capacidade de produzir ou apreciar a arte, nesse sentido ele aprende e o transforma, porque aprende a ler e a (re)significar. A arte não acontece separado do contexto, da cultura do sujeito ou do lugar. Dando um sentido para sua existência, ao se encontrar com a necessidade da arte, Ernest Fischer enfatiza sobre a ação da humanidade referente a arte, de que:

O homem quer ser mais do que ele mesmo. Quer ser um homem total. Não lhe basta ser um indivíduo separado; uma plenitude que sente e tenta alcançar; uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significado (1987, p.12).

Nesse sentido, o autor completa que: “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente” (p. 20). Assim ela se torna uma

representação do que se vive em uma determinada sociedade, seus pensamentos e sentimentos. Essa atuação da arte acaba agravando modificações e mutações tanto na cultura como na própria arte, desde suas existências elas se transformam e adquirem diferentes conceitos a cada período histórico, gerando mutações em seus modos, valores e pensamentos de uma sociedade, fazendo com que na relação cultura e arte, uma influencia a outra. Coli (2002, p. 90) acrescenta que: “ainda hoje, os objetos artísticos possuíram funções sociais e econômicas que permitiram sua constituição e seu desenvolvimento”.

A arte se apresenta com inúmeras possibilidades de comunicação e aprendizado, o que a sociedade entende como certo ou errado se dá pela cultura que a mesma possui. Desta maneira, fica possível identificar diferentes tipos de culturas e como ela se apresenta na sociedade. Em relação as possibilidades que a arte tem na comunicação e na difusão da cultura, Gustavo Fischman acrescenta que:

O crescente interesse dos estudiosos em investigar as experiências visuais e os estudos sobre os observadores (aqueles que observam as imagens) e o observado (as imagens) se pautam em uma realidade social e cultural inconfundível: as imagens se tornaram onipresentes e meios esmagadores de difundir signos, símbolo e informação. Muitos dos eventos que já fazem parte do cotidiano das pessoas, tais como ver filmes, observar vitrines de shopping e assistir a televisão, se tornaram experiências culturais centrais na modernidade urbana, na segunda metade do século XX, e estão intrinsecamente ligadas a contínua expansão do capitalismo (2004, p. 114).

Mesmo, submetidos por um sistema capitalista, a sociedade tem cada vez mais o acesso a diferentes formas de arte, e esse processo de mutação, pode oportunizar ao ser humano, espectador de seus próprios atos, apreciar diferentes tipos de cultura. No compreender do que se diz ser arte, Buoro (2000, p. 25) salienta que: “entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

A arte vive no cotidiano de uma sociedade, ela transforma e cria emoções ao ser humano.

A arte que, através do tempo, tem sido o registro de várias civilizações, documento e testemunho, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise

civilizatória, e o conseqüente monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente dos jovens. Além de impulsionar transformações sociais, pode contribuir para reencantar o mundo a partir do estabelecimento de fortes trocas simbólicas e formar, assim, uma comunidade de emoção. (BARON et al, 2009, p. 26, 27).

Nesse sentido, fica evidente a arte como formadora de pensamento, é ela formadora de registros históricos, ideologias. Consegue representar e se refletir nas emoções humanas e se transforma em uma maneira de comunicação entre diferentes sociedades. Ela se encontra em constante transformação como a cultura, que com o avanço da tecnologia, se reformula junto com o mundo pós-moderno.

2.1. O INAUGURAL TERMO: CULTURA

Sobre a definição de cultura, o homem vem discutindo e acrescentando novas formas de ver ao longo no tempo. No questionamento de sua origem, do ponto de vista da antropologia, Laraia pontua a primeira definição do que seria cultura, a partir de alguns autores por ele citado, ou seja:

No final do século XVIII e no principio do seguinte o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente as realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832 -1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2006. p. 25).

O primeiro significado de cultura dialoga, embora com foco no processo de evolução e hierarquia, com a compreensão do entendimento nos dias de hoje, essa definição se baseia naquilo que o ser humano se transforma perante a sociedade no qual ele faz parte. Um conjunto de ideias, símbolos e comportamentos que é passado de geração em geração, e se transformam conforme suas necessidades aparecem, ou aprimorando o conhecimento.

Ainda se referindo ao primeiro termo utilizado para o significado de cultura, Laraia (2006, p. 32, 33) dá continuidade na ideia de Tylor, que “preocupava-se com a igualdade existente na humanidade. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes nos processos da evolução”. Logo, existiu a necessidade de dividir a civilização em escalas, para compreender suas evoluções, pois se mostravam diferentes sociedades, de selvagens a povos civilizados, todos aparentavam uma mesma equivalência de natureza humana que se diferenciavam pelas condições que estavam expostos a viver. Vemos aqui uma ideia de hierarquia a qual pagamos caro ainda na contemporaneidade, quando pensamos a partir do papel do colonizador.

Quando posta a possível confusão do orgânico com o cultural, Kroeber (1950, apud LARAIA, 2006) deixa claro que o homem precisa do seu equipamento biológico para sobreviver, independente da cultura que tenha, todos exigem determinadas funções vitais, o que muda é a maneira com que a humanidade tem o prazer de realizar suas necessidades, diferenciando uma cultura da outra. Laraia (2006, p. 38) completa o que o antropólogo Kroeber adiciona ao significado de cultura para a sociedade, pois, para ele “os seus comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”.

Logo se compreende que, a cultura é de uma sociedade – a que ela pertence - indiferente se o indivíduo nascer em um continente e crescer em outro completamente oposto, pois daí se começa o entendimento da palavra no plural, as diferentes sociedades com seus costumes e aprendizados. Para maior entendimento é essencial a compreensão de que:

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais), ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos (CERTEAU, 2001, p. 103-104).

Sua cultura vai se dar a partir do seu aprendizado, será predominante conforme o que foi posto pela sociedade, aquilo que se aprendeu em sua formação como homem, e conforme suas necessidades e conhecimentos, sua cultura vai

sofrendo mutações. A educação não monopoliza mais a cultura, pois a mesma começa a emergir de diversas fontes, se apresentam para o indivíduo inúmeras referências culturais, dessa maneira se dá a multiplicação da cultura, o que para Certeau (2001) é chamado de culturas.

2.2. PROPOSTAS DO CULTIVAR

Quando se busca o conceito de cultura, aparece diferentes áreas das ciências sociais que abordam o mesmo tema nem sempre comungando com uma mesma ideia. Com uma variedade de interpretações, aparecem distintas concepções para o entendimento do que é cultura, podendo ser ela ensinada na humanidade, em sociedade, onde as pessoas preservam seus conhecimentos e descobertas de diferentes formas, como a arte e tradições dos habitantes, encontramos também a linguagem e símbolos, que oportunizam o desenvolvimento de pensamentos, significados, ideias e explicações.

No conjunto de saberes sobre cultura há inúmeros aspectos com elementos essenciais que dão o seu significado. Sua primeira compreensão se estabelece por signos e seus significados na vivência dos seres criados por seus respectivos grupos sociais, o conjunto de suas ideias, valores e seus costumes. Sobre essa concepção, acentua Isaura Botelho:

[...] a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade (2001, p. 74).

Dessa forma se valoriza a cultura, no seu modo de fazer, seus costumes, sua composição social na comunidade, suas crenças e exteriorizações da cultura que é formado por cada sociedade.

Em outro olhar entre as possibilidades de compreender e reconhecer a cultura, aqui agora voltada para a prática de artes e do entretenimento, ela se mostra como ações econômicas, falo de realizações humanas materiais e imateriais

que caracterizam conceitos distintos determinados pela sociedade, porém não atribuídas ao cotidiano, mas em lugares especializados. Nessa perspectiva, para a autora, a cultura:

É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitem expressá-los (BOTELHO, 2001, p. 74).

Neste ponto, a cultura aparecia mais restrita, e assim ela se tornou uma estratégia para o desenvolvimento das nações, estruturando suas economias. Acontece o desenvolvimento de lugares para apreciação e para estudos sobre a cultura, onde em consequência, a indústria começou a abraçar não só essa área provedora de cultura, como artes, o teatro, a literatura, a arquitetura, assumindo também, a propaganda, o esporte, o turismo, a moda, e a tecnologia. Começa então uma relação entre a cultura e o mercado. Isso se dá devido ao seu crescimento:

De um lado, emerge um processo de globalização, conformando produtos culturais que, fabricados de acordo com padrões simbólicos desterritorializados, buscam se posicionar em um mercado mundial de imensas dimensões controlado por mega-conglomerados, oriundos de gigantescas fusões de empresas, que associam cultura, comunicação, entretenimento e lazer. De outro lado, reagindo a este processo de globalização, brotam em vários lugares manifestações confeccionadas por fluxos e estoques culturais locais e regionais. Mesmo no âmbito da cultura global, surgem espaços destinados aos produtos típicos (RUBIM, 2007, p. 145).

Essa relação faz com que atividades culturais sejam concebidas em massa, e logo aparece a existência da formação de um lucro comercial, objetos com valores simbólicos de maneira usual no cotidiano de cada pessoa. O uso da cultura de diferentes povos se transforma em recursos que podem ser comercializados por todos, isso faz gerar capital, sendo ele como objetos usuais ou de decoração como lembranças destinados para o turismo, ou produções visuais que transmitam a cultura e história de um determinado povo, como um aprendizado ou para o lazer.

A cultura, assim se expõe como influente fator de expansão social. Uma maneira possível de ver a cultura segundo Canclini é:

(...) como el conjunto de procesos donde se elabora la significación de las estructuras sociales, se la reproduce y transforma mediante operaciones simbólicas, es posible verla como parte de la socialización de las clases y los grupos en la formación de las concepciones políticas y en el estilo que la sociedad adopta en diferentes líneas de desarrollo¹ (1987, p.25).

Essa visão de cultura mostra o diálogo que ela constrói na formação política e social nas sociedades. Essa socialização das classes possibilita a formação de grupos que geram diferentes maneiras de desenvolvimentos e conceitos de suas políticas. Ela vai para além do mundo das artes ou história, e começa a se agregar em áreas como a saúde, a política, assim como estar incluso nos problemas com a violência, aspectos que às vezes acarretam dúvidas em relação a cultura com o meio social.

Entre distintos povos acontece a mesma ação na sociedade, no sentido de que sua cultura social será dada conforme o seu desenvolvimento e acontecimentos que geram a sociedade. Todas as formas de vida social fazem parte da cultura, nesse sentido, Santos afirma que:

Cultura é uma dimensão de processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde exista. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social não se pode dizer que ela exista em alguns conceitos e não em outros (SANTOS, 1996, p. 44).

A cultura sempre foi e sempre será algo em movimento, desde pequenas sociedades, que mantêm uma cultura particular, onde cada povo desfruta de uma cultura própria, existindo suas crenças, costumes e conhecimentos desenvolvidos, suas necessidades abrem espaço para novos conhecimentos, no sentido de que a cultura não é estanque.

Desta maneira posta na sociedade, existiu e ainda existem diferentes estudiosos que levantam questões e acrescentam outros caminhos para o maior entendimento e exploração da cultura, que são levadas a outras questões como a cultura de massa, nossa identidade cultural, a globalização, entre outras. O que

¹ (...) como o conjunto de processos em que o significado das estruturas sociais é feita, reproduz e transforma por operações simbólicas. É possível vê-la como parte da socialização das classes e grupos na formação de ideias políticas e a sociedade assume diferentes estilos nas linhas de desenvolvimento. (Tradução do autor dessa pesquisa).

proponho aqui é estreitar a relação da arte e da cultura no sentido da sua pluralidade, o que chamo aqui como proposta de cultivar. Cultivar novas ideias no exercício de uma pesquisa em arte.

3. IDENTIDADES / IDENTIDADES CULTURAIS

A identidade é possuidora de diversas características. A discussão sobre suas possíveis concepções do sujeito parte de suas ideias, seu caminho percorrido e suas ações. Ela se expande disso e acrescenta outros fatores, que se sobressaem em sua sociedade, nação, diferentes culturas que se cruzam na vida do sujeito.

[...] a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Denominada para responder aquilo que nós somos, a identidade se faz como um conjunto de características físicas e comportamentais exclusivas de uma determinada pessoa, ações, sonhos, personalidade, sua história de vida e quaisquer outras características pertencentes ao sujeito. A identidade é processo pessoal de cada indivíduo, ela se dá a partir da realidade vivida pelo mesmo, levando em conta não só o que demonstra, mas uma concepção de si mesmo. A natureza da identidade tem início a partir de traços da cultura inserida na sociedade de cada indivíduo. Segundo Hall:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade (HALL, 2005, p. 49-50).

A cultura nacional se faz de base para a construção da identidade. Representações, ideologias e organizações que se revelam por um passado ou uma história que se atribuem as características de uma determinada cultura, levando em conta que, mesmo atribuída de um passado, a identidade se reestabelece em constante mutação. Logo a identidade nacional é dada pela relação da política

estado-nação e a cultura nacional, um processo de unificação das culturas, isso é, unir os diferentes povos, tribos, grupos étnicos, gêneros, classes sociais, as regiões de uma nação. Uma maneira de construir sentidos, símbolos, ou até mesmo a própria língua, que foi criada uma única para assim uma mesma comunicação em toda a nação. Fazer das culturas homogenias parte de um sistema político, assim, Hall (2005) acentua que “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (p. 59). De modo que a sociedade intervém no processo da construção identitária, a cultura, que aparece como principal alicerce na estruturação social de determinados grupos, vai ocasionar o surgimento de uma identidade, na qual, o sujeito se adequa e se transforma perante as convicções apresentadas no meio social em que pertence. E ainda completa que: “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (2005, p.15-16).

Observando no contra ponto de que a cultura está em constante mutação, o sistema de unificar identidades entra em conflito. Na construção da identidade, o ser humano tem a percepção sobre o espaço que lhe é proposto, no ir e vir de diferentes grupos na sociedade, a busca pelo novo, a compreensão de que estamos sempre em movimento, em questão de espaço e tempo. Essas características fazem a identidade do indivíduo ficar muito instável, quando ele depende do meio cultural que o cerca, que por sua vez, esta sempre em movimento. No ponto de vista do estudo social da cultural e suas concepções, a identidade cultural está ligada a diferentes questões e processos que ocorrem na sociedade. Escosteguy observa que:

Essa perspectiva [a da identidade cultural] passa a ser evidente, sobretudo como resultado da influência de reflexões em torno de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo, entre os mais importantes, dentro do espectro dos estudos culturais. (2001, p. 139)

Seriam então essas identidades mutáveis conforme a cultura se transforma todas relacionadas com diferentes temas fortemente ligados, apresentados na contemporaneidade como identidades culturais?

3.1. IDENTIDADE CULTURAL: UNIFICADA OU EM CONSTANTE MUTAÇÃO

Segundo Stuart Hall, em seu livro *Dá diáspora: identidades e mediações culturais*, o autor desenvolve pensamentos sobre identidade cultural e acrescenta diferentes aspectos para denominá-la e compreendê-la. Para Hall (2003) a concepção de identidade cultural se dá por dois caminhos: um se manifesta no papel de unificar as culturas e conceder aos sujeitos uma mesma identidade, exercitar a identidade nacional como forma de unificação e resistência, que é predominada por seres superficiais² ou simplesmente impostos, que é compartilhado por pessoas com histórias e heranças em comum. Para o autor:

Pelos termos desta definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nos, como um "povo uno", quadros de referencia e sentido estáveis, contínuos, imutáveis, por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real (HALL, 1996, p. 68).

A política da identidade teve como papeis essenciais nessa manifestação de organizações sociais a exteriorização étnicas, raciais, de gênero, entre outras representações que necessitam de referências fixas para a sua existência, não deixando de lado o papel da identidade cultural, que unifica diferentes comunidades imaginárias existentes.

A forma de unificar os indivíduos com referências fixas da sociedade, agrega outros aspectos, como as diferenças de cada indivíduo e faz com que a identidade cultural de cada qual esteja disposta a receber outros sentidos complementares. As construções simbólicas em diferentes grupos sociais dão ao indivíduo maiores referências para que ele consiga se identificar, reconhecer a si mesmo, já que cada um tem sua dependência econômica, política e cultural, uns diferentes dos outros. A existência da relação de interdependência do indivíduo com a formação de uma identidade cultural, é compreendida por Hall na perspectiva de que:

² Seres superficiais em relação ao texto seriam indivíduos que vivem da aparência, da herança cultural que carregam. Não no sentido de viver essa cultura, mas sim preservá-la.

O passado continua a nos falar. Mas já não é como um simples passado factual que se dirige a nós, pois nossa relação com ele, como a relação de uma criança com a mãe, é sempre por intermédio de memória, fantasia, narrativa e mito. As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essencial, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental (1996, p. 70).

A identidade como formulação de ideia representada por sentidos e representações imutáveis, revela que os sentidos nunca estão completos, mas sim sempre em movimento, sempre atribuindo sentidos adicionais a sua representação. Hall (1996) completa que: “sem relações de diferença, nenhuma representação ocorreria. Mas o que então se constitui dentro da representação é sempre passível de ser diferido, proposto, serializado” (p.71). Por mais resistente e unificada que seja a identidade, ela esta exposta a uma mutação, isso é depende de como a sociedade se encontra aberta para novos conhecimentos. Nesse sentido Bauman afirma que:

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento — lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (2005, p. 32)

As diferenças definidas como posicionamentos, não estabelece alteração nas vertentes: representação e diferença, onde ambas são estimuladas pela cultura, mas assimila uma relação das ideologias consideradas necessárias para sobrevivência de comunidades imaginárias e a compreensão da identidade cultural por intermédio das diferenças, que podem ou não serem definitivas.

3.2. A IDENTIDADE CULTURAL POR DIFERENTES OLHARES

Ao distinguir concepções de identidade, Hall (2005) divide em três momentos da história: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo (Hall, 2005, p. 10).

Vindo do iluminismo, ele se expõe na concepção de um sujeito unificado, que quando nasce já carrega seu núcleo, o centro do eu, esse já era o essencial para delimitar a característica de cada indivíduo por toda sua vida.

A segunda concepção, que trata do sujeito sociológico, ela aparece na interação do indivíduo com o ambiente social que nasceu, sua cultura, classe social. O sujeito sociológico parte da mesma ideia que o sujeito iluminista, com o centro do eu, porém, sua identidade também se dá pelo exterior, aquilo que o atravessa no seu ambiente social. A identidade aqui vai se dar, na união do indivíduo com a cultura que ele habita, a unificação dos dois, estabilizando tanto o sujeito como a cultura da sociedade.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2005, p. 11-12).

A terceira concepção de identidade se refere ao sujeito pós-moderno, se desvencilha da ideia que se tinha de unificação no iluminismo e do sujeito que se mostrava regido pela estrutura social. No mundo pós-moderno, o sujeito é fragmentado, a identidade é composta por inúmeros significados e alguns mesmos contraditórios.

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2005, p. 12).

Isso faz com que o sujeito não tenha uma identidade fixa, fundamental ou permanente. A identidade não tem mais como centro o eu, a unificação se transforma na representação da história, sofrendo transformações e vivendo identidades distintas no decorrer de sua vida.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13).

Conforme o mundo se transforma, os significados e as simbolizações culturais se multiplicam, fazendo com que o indivíduo se depare com inúmeras identidades possíveis e mutáveis, que podem ou não se tornarem permanentes no sujeito, a identidade esta sempre se reinventando. No mundo pós-moderno que o indivíduo se situa, há todas as inúmeras referências que vai se atribuindo a sua identidade, como a tecnologia e a globalização, que são propulsores de novas informações a cada instante, causam consequências no processo da identidade.

3.3. IDENTIDADE OU IDENTIDADES

A fragmentação das identidades da origem a identidade do sujeito pós-moderno, isso se mostra nas características adquiridas pelo indivíduo conforme suas afinidades em grupos. A identidade não tem mais sua forma definida, nem um local que define determinados ideais, o que Bauman define que:

A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia – recriar a realidade à semelhança da idéia (BAUMAN, 2005, p. 26).

O sujeito pós-moderno transforma sua identidade, quando este toma para si partes de diferentes culturas, para assim, formar o que para o "eu" seria o modo ideal de se viver. Se associando em uma luta de interesses, a identidade segundo Bauman é um “conceito altamente contestado” (2005, p. 83), próprio da experiência

humana, suas ações inconsequentes se misturam, atribuem e se distanciam de diferentes pensamentos e necessidades. A identidade do indivíduo se revela e se transforma a cada dia, ela pode ser conservadora de uma cultura da sociedade onde o sujeito se fecha, e tenta conciliar seus costumes com as diferenças, ou se revelam no indivíduo conforme suas próprias escolhas, atribuindo também ideias de outros que fazem parte ou não de seu grupo social.

Sofrendo diferentes transformações, se denomina como pós-moderna a identidade cultural na atualidade, o sujeito se encontra fragmentado, constituído por várias identidades, podendo ser coerente e contraditório sobre suas ideias no sentido da incompletude ou do processo móvel que se dá na construção da identidade no individual ou no coletivo. Tempos de agora onde o sujeito não tem uma identidade fixa ou permanente, mas sim, sempre em movimento, que se transforma e se define no decorrer da história. O entendimento pelas coisas se transforma, os fazeres/conhecimentos de uma cultura é passada de geração em geração, de indivíduo para indivíduo, mas praticada ou absorvida de maneira deferente do tempo anterior. Para Hall:

A "globalização" se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras regionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (2005, p. 67).

Como grande fator na mutação que a identidade tem, a globalização faz com que o homem pós-moderno não aceite mais para si qualquer doutrina que seja absolutamente verdadeiro. Todas as sociedades se revelam híbridos culturais e assimilam a atual relação do tempo e espaço, onde essa relação tem efeito direto na construção da identidade.

Compreender esse processo de construção da identidade, e levando em conta que hoje é postulado que o ser humano é pós-moderno, fica a pergunta: o que é esse pós-modernismo? Pensando em específico na cultura, remeto-me à Santos quando o mesmo diz que:

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos

anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural (2004, p. 7,8).

Pensar o sujeito na pós-modernidade, é pensar um sujeito que se desprenda de suas convicções, uma maneira livre de viver, valoriza aquilo que acontece no seu presente. O termo se completa pela nova relação de espaço e tempo que o indivíduo se expõe e suas sociedades formadas de modo híbrido. O pós-moderno valoriza a cultura trazida do passado de maneira diferente, ele a transforma, cria outras oportunidades para aquilo que era aceito pela sociedade, constitui uma nova cultura, que se presta a aceitar o que era visto como opostos, e transforma uma sociedade no exercício de um novo pensamento.

O pós-modernismo é um ecletismo, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia (SANTOS, 2004, p.18, 19).

Este momento vivido na sociedade aparece inacabado, não se constitui com uma definição precisa, se revela pelo seu presente, sem uma preocupação com o futuro. Suas ações e pensamentos se revelam com acontecimentos e relações instantâneas, sempre preocupado com o seu eu e uma minúscula comunidade que o cerca (SANTOS, 2004). O pós-moderno tem uma natureza híbrida, ou seja, ela faz com que o indivíduo esteja em contato com diversas culturas, sua identidade cultural se constrói conforme sua realidade, sendo esta, a diferente e única maneira que cada um tem de ser único, ou seja, do ponto de vista pós-moderno, a liberdade que o indivíduo tem de construir e compreender de diferentes formas.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p. 99).

A existência de uma identidade unificada se tem sentido ao nascimento do indivíduo, o qual se mostra no decorrer da sua vida e da forma que constrói uma história sobre si mesmo. Como descreve Hall (2005), uma confortável narrativa do eu. Esse deslocamento que faz do indivíduo cada vez mais capaz de transformar sua identidade se dá pela globalização, encurtando a distância de diferentes sociedades e culturas. Com essa acessibilidade o sujeito agrega inúmeras informações e chega ao ponto que nem mesmo ele reconhece sua própria cultura como única.

Para Lafer,

A lógica da identidade que assinala uma especificidade para cada um, diferenciando um Estado do outro, interage no sistema internacional com a lógica da globalização que dilui a fronteira entre o interno e o externo; reescrevendo em novos termos o jogo dialético de implicação mútua entre a “História do eu” e a “História do outro”. (2001, p.126).

Nesse sentido, Lafer nos ajuda a compreender que a globalização, processo que o indivíduo pós-moderno se encontra, traz novos paradigmas para sociedade, a fragmentação do tempo e espaço, novas tecnologias, transforma cada vez mais o sujeito e aumenta seu individualismo. A identidade do sujeito se forma e se modifica conforme sua relação com as diferentes culturas exteriores e o que elas proporcionam para ele próprio.

4. IDENTIDADE CULTURAL: RELAÇÃO TEMPO/ESPAÇO

A identidade é caracterizada de maneira diferente em determinados períodos, ela é algo que não esgota discussões sobre seu significado. Velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram as sociedades dão espaço para novas identidades, que faz do sujeito antes unificado, se tornar agora, fragmentado.

Esses fatores correspondem segundo Hall (2005), à chamada “crise de identidade”, que aparece como processo de mudança mais amplo, onde o indivíduo não está mais estável no mundo social. Rupturas sociais, deslocamentos das estruturas e processos centrais das sociedades se abalam, e logo se transformam com essa mudança. Segundo Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1990, apud. HALL, 2005, p. 9).

Essa crise de identidade pode ser representada na existência de um conflito do indivíduo com a percepção do tempo e espaço, que por meio destes, modificaram a maneira que a humanidade se mostra. A globalização se faz grande fator na construção da identidade pós-moderna, pois, vai influenciando no modo do indivíduo de se relacionar. Muitas coisas se representam para nós de forma simbólica e virtual, aquilo que tinha sentido concreto e físico nas relações sociais, se expande, o distanciamento que existia entre um e outro, de certa forma não existe mais, pelo menos aparentemente.

Existe uma relação que acontece entre os dois termos: identidade e pertencimento, porque fazem parte na construção da identidade cultural do sujeito pós-moderno. Segundo Bauman, temos que ter consciência que os dois termos:

[...] não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa (2005, p. 17).

Quando se fala no sujeito pós-moderno os dois termos, identidade e pertencimento se relacionam, quando que, segundo o autor, o pertencimento esta ligado ao estilo de vida do sujeito, aquilo com que ele se identifica, o grupo social que ele vive que irá determinar suas ideias, independente do país ou da cultura em que habita, a identidade natural do local que vive.

A identidade cultural está sempre sofrendo mutações, exposta a diferentes transições. Seria possível então, definir qual seria a identidade do sujeito pós-moderno? A fragmentação da identidade representa essa desconstrução, o que deu origem ao sujeito pós-moderno. Como a arte dialoga com essas questões?

4.1. GLOBALIZAÇÃO E ARTE

O desenvolvimento da sociedade se mostra cada vez mais com características da identidade cultural da humanidade. O surgimento de indústrias, do automóvel, da comunicação de dados, a internet, e outras novas formas de tecnologia se da com o individuo no sentimento da relação espaço/tempo, onde acontece a aceleração da velocidade como as coisas acontecem, e encurtar a distância de outras culturas no mundo.

A sensação da modernidade se remete a um desfecho que o sujeito tem com seu passado, e se adapta ao desenvolvimento constante da sociedade. Como exemplo disso, trago Seidel (2001), que diz: “a aceleração do tempo histórico está em íntima relação com a saturação, com o movimento e o adensamento contínuo do espaço urbano” (p. 23). Como consequência das transformações que ocorrem na sociedade, a percepção do tempo/espaço se modifica, isso acontece devido a modificação que sofre o espaço urbano e o agravante desenvolvimento da tecnologia, que pela comunicação e por meio de transportes, abre diferentes novos caminhos para o sujeito, conforme ele se sente e transforma sua identidade a partir de diferentes portas de conhecimentos.

Neste momento histórico da chamada globalização ou mundialização, deslocamentos constantes nos fazem sentir que o lugar de pertencimento, de aconchego – a Pasárgada – é constantemente substituído por uma

necessidade de nos adaptar aos impactos da vida contemporânea e tecnológica. (CANTON, 2009, p. 58)

A chamada globalização se remete principalmente a tecnologia, mas é algo que move tudo. Aparece como processo econômico e social, fazendo com que exista sua implicância na cultura, e posteriormente em sua identidade. Para Dos Anjos:

[...] identidades culturais *não* são construções atemporais dotadas de um núcleo imutável de crenças e valores que singularizariam, desde e para sempre, um local entre outros quaisquer; são, antes, como propõe Arjun Appadurai, resultado de processos de expressão humana (discursiva e performativa) por meio dos quais são estabelecidas e *continuamente* reelaboradas diferenças entre grupos diversos. (...) a identidade cultural é uma construção fincada em tempo e espaço específicos (todavia moventes) e em permanente estado de formação (2005, p. 12, 13).

A tecnologia mundial e o excesso de informações intencionalmente quer provocar uma padronização das culturas, dividindo a sociedade, onde alguns tem conhecimento da natureza da identidade, e outros se caracterizam pela industrialização e o consumismo. Bauman (1999) em discussão sobre a globalização argumenta sobre a distância e o “espaço”:

No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo – basta uma fração de segundo para conquistá-lo. (p. 85)

Dessa forma o autor se remete ao fato de que estamos sempre em movimento, como nômades, seja pela grande quantidade de quilômetros percorridos ou pelas páginas online. A busca e utilização do novo, nos traz esse novo conceito do que seria hoje nossa cultura. Os avanços nos processos tecnológicos fizeram com que a sociedade se encontrasse em um novo momento histórico conhecido como pós-moderno.

Nazário pontua palavras como:

[...] chip, saturação, sedução, niilismo, simulacro, hiper-real, digital e desreferenciação, sendo que no mundo moderno os discursos girariam em torno de outras palavras, tais como energia, máquina, produção, proletariado, revolução, sentido, autenticidade (2008, p. 24).

Essas palavras são apontadas pelo autor como sintomas do mundo pós-moderno. A tecnologia aparece com grande contribuição na construção da identidade do ser humano. Ela foi a principal causa do encurtamento do tempo/espço, tanto na velocidade que surge informações e novos conhecimentos, como no deslocamento do indivíduo. O sujeito que construía sua identidade a partir da sociedade que vive, o seu lugar físico, com a velocidade das informações se transforma, e parte a agir conforme a situação que se encontra inserido.

A fragmentação da identidade representa o que seria o pós-moderno. Como Hall (2005), que definiu a concepção da identidade em três períodos, o iluminista, o sociológico e o pós-moderno, remeto-me à Nazário (2008), que, em relação a essas concepções, descreve que o pós-moderno está relacionado a esses três fenômenos: “rejeição dos ideais humanistas herdados do Iluminismo; deslocamento do interesse universal para o particular; substituição da cultura escrita pela cultura audiovisual” (2008, p. 24).

Essas concepções transformam a identidade do sujeito, elas se alteram conforme ele lida com a realidade. Quando o autor usa o termo cultura audiovisual, ele deixa claro a força que exerce a tecnologia no processo social. Um exemplo do avanço na evolução das técnicas acontece no mundo das artes, quando surgem a fotografia e o cinema, que popularizam e transportam à diversos tipos de públicos. Esses dois acontecimentos, de certa forma, refletem nas estruturas do sujeito, elas renovam a maneira de entender o tempo/espço e também, com todas as diferentes culturas que podem ser apresentadas, conduzem na construção de sua identidade cultural.

A construção da identidade do sujeito pós-moderno acontece conforme sua relação com o tempo e o espço, a percepção do eterno não aparece mais, quando ele se submete a conhecer diferentes culturas. A tecnologia em prol disso, transforma também a identidade, deixando ela virtualizada, onde o indivíduo pode possuir diferentes identidades. Assim, nesse ir e vir de informações, a identidade se constitui conforme o caminho percorrido pelo indivíduo, e aquilo que ele acolhe como ideal pra si, algumas coisas carregam consigo para sempre, mas outras, vão ser passageiras, conforme a quantidade de informações que ele adquire, vai se relevando umas sobre as outras.

Com o olhar voltado para arte, a tecnologia mostra na linguagem da fotografia esse processo que acontece com a identidade do sujeito pós-moderno. Rush resalta que:

[...] uma fotografia capta e preserva um momento do tempo; uma imagem criada no computador não reside em nenhum lugar ou tempo. Imagens, digitalizadas no computador, depois editadas, montadas, apagadas ou embaralhadas, dão a impressão de levar a um colapso as fronteiras normais de passado, presente e futuro (RUSH, 2006, p. 2).

Algo que constitui o pós-moderno, de fato é a evolução tecnológica, o acesso que a sociedade tem a diferentes mídias e maneiras de absorver conhecimento. Apresenta-se como grande formadora da identidade, tem relevância na sua construção e reinvenção. Dessa maneira se interligam as diferentes identidades que podem surgir da identidade do sujeito pós-moderno.

A arte tem um enorme campo que torna possível ver a transformação que aconteceu e se apresenta como pós-moderno, pois as fragmentações acontecem principalmente nas práticas estéticas artísticas e culturais. Esse conceito de pós-moderno invade o mundo das artes com tendências como a arte conceitual, a arte pop, as performances, e outras que caracterizam esse momento pela convivência e as tendências de diferentes linguagens.

Relacionando arte e o pós-modernismo, Cauquelin acentua que:

Criticada, definida e redefinida, rejeitada ou abusivamente utilizada, a noção de pós-modernismo pelo menos mostra muito claramente o desconforto em que se encontram o crítico, o teórico e o historiador de arte diante da atualidade artística (CAUQUELIN, 2005, p. 130).

Esse desconforto segundo a autora seria na incapacidade que o conceito de pós-moderno tem de definir um estilo de arte que marque esse movimento, ou seja, os movimentos e meios da arte estão sempre se transformando, ou mesmo muitos deles não cabem mais em um só título.

Para melhor compreender essas transformações da arte, Carol Strickland exemplifica que:

Instalações carregadas de textos exortam o espectador a refletir sobre temas como a epidemia de AIDS, os problemas ambientais, os sem-teto, racismo, sexo e violência. Os materiais e os formatos são tão variados

quanto os temas e admitem formas alternativas, como a arte performática, gêneros híbridos, como a arte derivada da fotografia, e continua se multiplicando. Os pós-modernistas podem afirmar que a rejeição modernista da realidade está obsoleta, mas o processo de reinvenção da arte continua inabalável (2003, p. 190).

A arte apresenta para o público a realidade, ela faz parte do nosso cotidiano. Na intenção de propor significados, a arte indaga a participação do espectador, ela cria no sujeito o sentimento de pertencimento e identificação com a obra, dando a ela significados. Com ações transformadoras, a arte nesse momento vive de experimentações, na busca do novo, diferentes maneiras de construir artisticamente algo que proponha diferentes reflexões, tanto para o artista, quanto para o observador.

A arte contemporânea é mal apreendida pelo público, que se perde em meio aos diferentes tipos de atividade artística, mas é, contudo, incitado considerá-la um elemento indispensável à sua integração na sociedade atual. Aonde quer que se vá, não importa o que se faça para escapar, a arte esta presente em toda parte em todos os lugares e em todos os ramos de atividade (CAUQUELIN, 2005, p.161).

O trabalho de arte vai além das linguagens artísticas que na sociedade, muitas vezes, é entendido por ser arte, como a escultura ou a pintura. A arte se faz hoje em um mundo virtual, com o uso da tecnologia e novas mídias, como performances e instalações. Ela tem intenção de provocar certo desconforto ao público, situações na qual o sujeito se depara com objetos do cotidiano intitulados como arte causando estranhamento, faz com que tenha pensamentos que questionam até mesmo o valor artístico da obra.

Nós temos que pensar essas características do nosso cotidiano porque um dos grandes obstáculos para entender a arte contemporânea é o fato de ela ter-se tornado parecida demais com a vida. É como se, num processo de integração entre arte e vida, a arte tivesse doado tanto sangue para a estetização da vida que ela se desestetizou (COCCHIARALE, 2006, p.39).

A arte deixa de ser destinada apenas para galerias e museus, ela se mostra evidente na realidade do espaço urbano nas cidades, causando estranhamento no público, quando usa algo que faz parte do cotidiano da sociedade e o expõe como objeto artístico. Essa mudança de lugares sugere um maior contato

com as pessoas, que ela faça parte no dia-a-dia pelos caminhos no cotidiano do indivíduo. Isso dá à ideia de que a arte não é mais um objeto intocável.

A arte contemporânea esparramou-se para além do campo especializado, construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. (COCCHIARALLE, 2006, p. 16)

Através da arte é possível se discutir questões econômicas, religiosas, políticas e sociais. Ela é conduzida por problemas que fazem parte do cotidiano, seja nos conceitos, nas ruas, no meio de comunicação, a arte busca diferentes caminhos para esse contato com o público. Deixa de ser provida de um único estilo e parte para um momento da junção de diferentes tipos de arte, misturando textos, com imagens, performances, instalações e tecnologias. Essa combinação de diferentes estilos em um só trabalho parte da globalização, fenômeno que expande conceitos para diferentes culturas.

Segundo Antonio Rava:

(...) os artistas sempre usaram e continuam a usar o que acham melhor para a sua criatividade: eles nos mostram o enorme potencial expressivo dos materiais comuns e cotidianos. Nesta contínua exploração para expandir as possibilidades criativas, que não pode ser limitada pela natureza precíval ou instável desses materiais (2010, p.119).

A arte no cenário atual seria então uma mistura de diferentes linguagens. Diferentes conceitos, materiais que até então não faziam parte da arte tradicional, como uma tinta óleo para pintar uma tela, mas causa estranhamento, quando nesta tela ao invés de tinta, se usar outros tipos de materiais. Qualquer objeto ou material pode ser utilizado em forma artística, deixa de ser defendida apenas pela estética, a arte vive de ações, pensamentos e ideias.

5. PRODUÇÃO ARTÍSTICA

No exercício de uma pesquisa no campo das artes, como uma proposta artística, busco conciliar uma relação entre a arte e a identidade cultural por meio de uma videoinstalação. Faço uso de diferentes linguagens artísticas para mostrar lugares, ruas ou objetos que fazem parte do cotidiano e da construção da identidade cultural. O trabalho simboliza a partir de autorretratos, pois, consiste em um personagem, com referência na identidade. O próprio artista constrói a ideia do eu em questão. Provoca, assim, o indivíduo a busca de conhecer a si mesmo e sua relação com o outro, sejam pessoas ou lugares, criando relações.

A produção artística se constrói a partir de desenhos fotografados para um *stop motion*³, que com o auxílio da tecnologia de movimento nas fotografias, cria uma animação em forma de vídeo. As fotos que compõem o *stop motion* foram fotografadas em um estúdio de fotografia, utilizando do espaço branco onde as imagens fiquem em evidência sobre a parede.

A proposta apresentada no vídeo se constrói a partir da relação do artista com diferentes autorretratos desenhados. Assim, Azevedo Junior descreve o desenho de forma que:

É o processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, carvão, nanquim, grafite, pastel, caneta, pincel etc.) e movendo-a, de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. O resultado desse processo (a imagem obtida) também pode ser chamada de desenho. Desta forma, um desenho manifesta-se essencialmente como uma composição bidimensional. Quando esta composição possui uma certa intenção estética, o desenho passa a ser considerado uma expressão artística (2007, p. 22).

Estes desenhos expressam várias características simbolizando personalidades, ideias e culturas que demonstram a fragmentação na identidade do

³ *Stop Motion* (que poderia ser traduzido como “movimento parado”) é uma técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Estas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento. (Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-.htm> Acesso em: 31/05/2014).

sujeito. Cada autorretrato foi construído em uma folha A4 branca, que no começo da pesquisa foi utilizado como rascunho, como experimento de diferentes ideias que vão se ampliando pelo número de folhas desenhadas e assumidas como retratos reconstruídos. A folha de papel em branco se mostra como um suporte virgem para arte, ela é dominada por quem a utiliza. No processo criativo, a folha branca perde sua virgindade, quando o indivíduo releva sobre ela sua personalidade, ideias ou o exercício da criatividade, nela se revelam traços pessoais. Depois de alguns desenhos feitos com caneta nanquim preta, aumentei minhas possibilidades ao me questionar pela falta de cores, tanto nos desenhos como no plano de fundo no papel. Uma vivência a partir da experimentação. Eram testes gráficos que ganhavam cores. Entre várias experiências na intenção de mudar a cor do fundo, voltei para a cor branca, ela em nossa cultura se mostra associada a paz, pureza, limpeza, e na forma visual de cada autorretrato, o branco foi escolhido na intenção de deixar a arte mais limpa, deixando em evidencia os detalhes e as cores que a arte feita no papel pretende representar. O rosto fica em evidência como algo que carrega histórias.



Figura 1 (Autorretrato parte da obra, fonte: Elaborado pelo autor)

Os traços que dão formas aos autorretratos são apresentados por nanquim preto, que deixou as linhas mais consistentes e o desenho bem definido. Os desenhos são pintados com lápis de cor, deixando as cores chapadas, que propõe dar destaques aos elementos que o compõem.

A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 13).

A busca pela cor não é vista apenas como estética, mas remete a ideia de que as cores têm significados e o que elas simbolizam se transformam de uma cultura para outra.

Cada pessoa capta os detalhes do mundo exterior conforme a estrutura de seus sentidos, que, apesar de serem os mesmos em todos os seres humanos, possuem sempre uma diferenciação biológica entre todos, além da cultural, que leva a certos graus de sensibilidade bastante desiguais e conseqüentemente, a efeitos de sentido distintos (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p.25).

Da mesma forma que o papel, os acessórios utilizados para criação de desenhos, que foram grafite, o nanquim e lápis de cor, são materiais que me acompanham há muito tempo, os desenhos representados buscam remeter à ícones de uma história marcada por heróis de infância até fantasias, sonhos e desenhos de um adolescente/adulto.



Figura 2 (Autorretratos parte da obra, fonte: Elaborado pelo autor)

A proposta artística que aconteceu no estúdio de fotografia, mostrando a construção e a desconstrução de uma parede com autorretratos, remete as diferentes possibilidades que o sujeito tem para a construção da sua identidade cultural. Na intenção de tentar um reconhecer-me, busco compreender como se mostra hoje a

identidade cultural. Como sujeito/aprendiz de artista, me sinto livre para escolher meu caminho, conforme aquilo que absorvo como mais significativo, partindo do conhecimento que adquiri na vida e no Curso de Artes Visuais - Bacharelado. Quanto maior o conhecimento, mais fragmentado se encontra a identidade, assim o sujeito vai se construindo a partir do seu interesse, atribuindo novas ideias e excluindo o que para ele, não serve mais como ideal. Dessa forma, a ideia do vídeo é simbolizar essa constante mutação que existe na formação da identidade cultural de cada ser humano.

Vivemos diferentes possibilidades alimentadas por uma globalização que apresenta a cada dia novas e diferentes formas a partir das novidades tecnológicas que estão sempre transformando o conhecimento que se tem, assim a arte se reflete e constrói diferentes linguagens com a tecnologia. Com esse olhar, relacionando arte e tecnologia, o trabalho foi desenvolvido partindo das diferentes relações possíveis na arte, como uma vertente do cinema, a videoinstalação se mostra com diferentes abordagens artísticas como o vídeo, a fotografia e a performance.

O cinema, sem dúvida, é a mais internacional das artes. Não apenas porque as plateias de todo mundo veem filmes produzidos pelos mais diferentes países e pelos mais diferentes pontos de vista (...) mas particularmente porque o filme, com suas potencialidades técnicas e sua abundante invenção criativa, permite estabelecer um contato internacional com as idéias contemporâneas (EISENSTEIN, 2002, p.11).

O cinema é uma leitura de imagens, movimento, representações, valores. Tornou-se um meio de expressão híbrido que utiliza de diferentes tipos de linguagem na sua construção. Partindo da fotografia, que projetada em alta velocidade cria movimento, produzindo o vídeo. Além da fotografia, o cinema dialoga com outras linguagens artísticas, como a literatura, a música, a performance, que juntas constroem essa ilusão de movimento. O diálogo entre diferentes linguagens e meios provocam, muitas vezes, uma hibridação cultural, que assim, como o cinema, constrói novas paisagens de conhecimento e re-significações.

Hoje, a percepção da hibridação entre os meios é dominante, assim como sua dupla potencialização. É essa linha de continuidade que nos interessa. O vídeo aparecendo como potencializados do cinema e vice-versa. Podermos destacar cineastas que, mesmo fazendo cinema, já trabalhavam com princípios (a não linearidade, a colagem, o 'direto', a deriva) que se tornariam característicos da videoarte e da linguagem do vídeo. (...) Uma

linha de continuidade entre cinema e vídeo bem mais longa pode ser traçada, principalmente se pensarmos em processos e procedimentos em vez de suportes (BENTES, 2007, p. 112).

O vídeo é utilizado em diversas formas, como suporte ou linguagem, faz parte do mundo audiovisual e modificou a relação que o artista e o público têm com a obra. O vídeo se estabelece da relação que ele constrói com outras linguagens, incorporar elementos e possibilidades por outros meios e também ser incorporado. Dessa maneira, o trabalho artístico se constrói como vídeo, e se apresenta como uma videoinstalação, fazendo com que o espectador sinta a obra. A relação que se cria com os diferentes elementos que compõem a produção artística, cria uma maior interação do trabalho artístico com o espectador, convidando-o a participar do momento a partir da relação com sua própria identidade enquanto – possivelmente – mexe com suas memórias e história.

A videoinstalação, compreendida como um espaço de percepção, é considerada como um dispositivo em si, no sentido de ser um espaço autônomo de produções de sentido, que tanto pode promover em tempo real a captação quanto o processamento e a recepção da mensagem. Trata-se de um tipo de ação estética descentralizada em que o vídeo se desloca do epicentro da sua linguagem (o plano da imagem e do som em meio eletrônico), para gerar sentidos com o espaço arquitetônico, com os demais elementos que constituem esse espaço físico e com a ação participativa do público. Desse modo, a videoinstalação é um dispositivo contaminado de linguagem, entre o vídeo, o ambiente e o corpo do visitante (MELLO, 2008, p. 172).

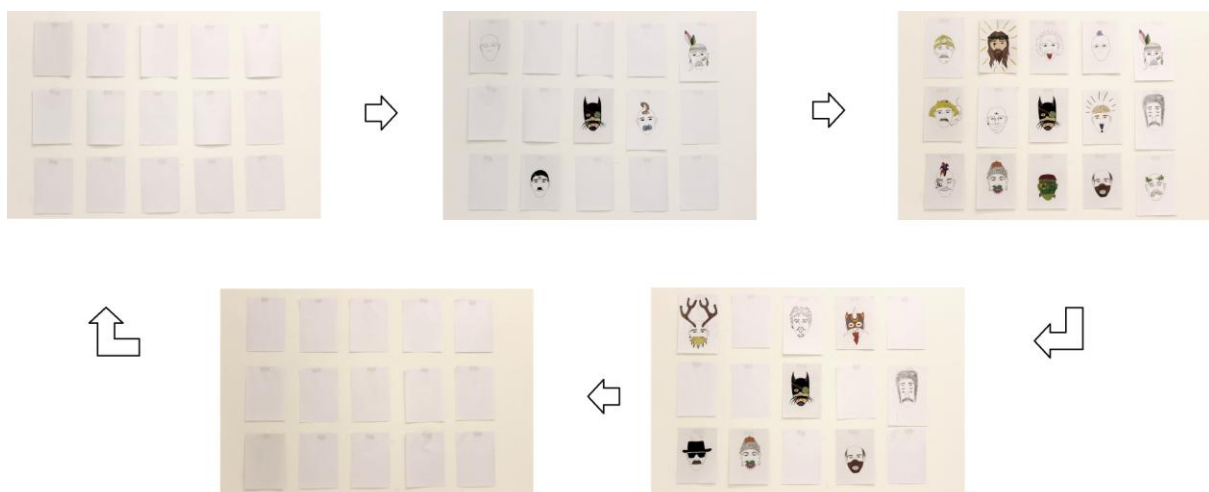


Figura 3 (Construção do stop motion no estúdio fotográfico, fonte: **Elaborado pelo autor**)

A representação de diferentes culturas que proponho com os autorretratos se constituem na ideia de que os desenhos são uma forma de ver e representar o mundo. A proposta dos desenhos se reflete no que representa a arte hoje em dia, não mais só o corpo externo que ela mostra, mas os valores e pensamentos que ela propõe. A arte vive na busca de uma realidade interior que dialoga com um conhecimento outro, o foco dessa produção passa a representar espiritualidade, emoções, sonhos e vivências. Assim, os autorretratos em forma de desenho, nessa produção artística, representam o conhecimento cultural que carrego e transformo na maneira que vejo. Segundo Berger, "aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afecta o modo como vemos as coisas" (1996, p.12). Cada indivíduo constrói seu mundo de sua maneira, e o conhecimento que ele adquiriu é o que vai reinventar e redescobrir diferentes possibilidades que ele tem, seja no modo de viver, ou aqui em específico, sobre a abordagem do autorretrato. Represento, assim, nesses desenhos, ideias, histórias, crenças, recorrendo as circunstâncias que vivenciei, revelando as diferentes formas de conhecimento adquirido que fazem parte na construção dessa identidade cultural que busco representar.

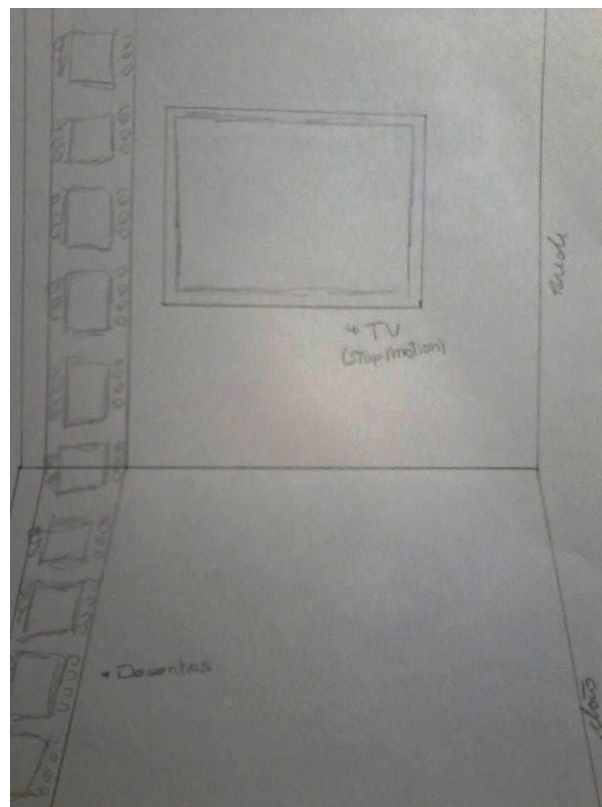


Figura 4 (Croqui da videoinstalação, fonte: Elaborado pelo autor)

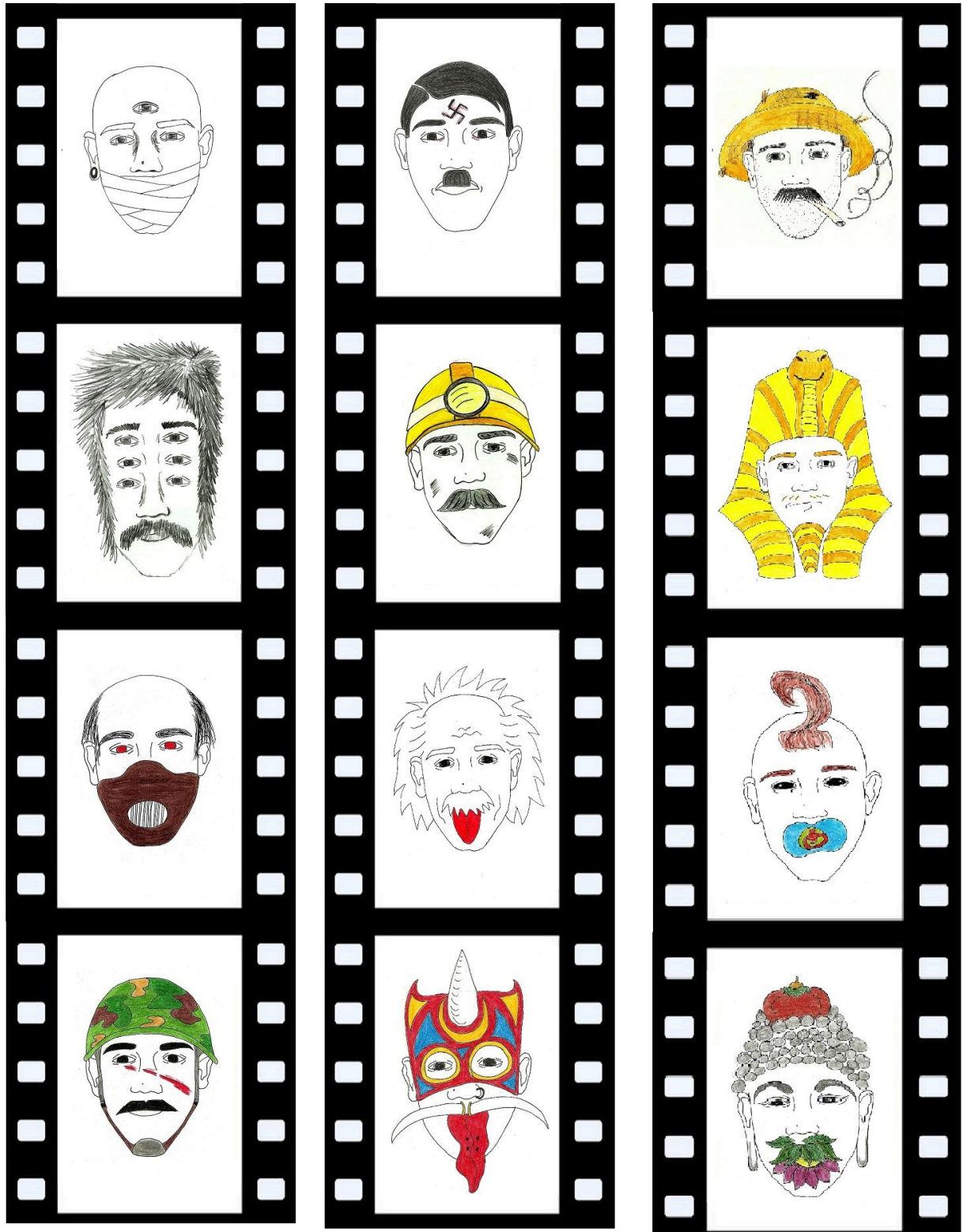


Figura 5 (Desenhos parte da vioinstalação, fonte: Elaborado pelo autor)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma representação do sujeito, a identidade cultural se forma a partir dos significados que constroem e fazem parte das sociedades. É um processo constante, pois, a sociedade se transforma partindo da evolução do homem, logo afeta a identidade cultural do sujeito, que se molda conforme o conhecimento adquirido de diferentes culturas. Partindo dessa ideia de identidade cultural, procurei responder o problema da pesquisa, ou seja: de que forma elaborar uma produção artística que possa dialogar com diferentes olhares no sentido de relembrar marcas identitárias?

A ideia que se tem hoje de identidade cultural se caracteriza pelo movimento. Conforme os impactos que o sujeito sofre partindo do que acontece na sociedade, como a globalização, vai se transformando essa identidade. Ela se caracteriza por não ser uma identidade fixa, mas sim, se trata de uma identidade móvel, está sempre sofrendo mutações. O sujeito pós-moderno pode possuir diferentes identidades utilizando o conhecimento que adquirir a partir de diversos sistemas culturais. A globalização como grande pioneira nessas mudanças, trás para o indivíduo a relação do tempo e espaço, que assim, faz da identidade do sujeito, algo fragmentado. Pode se dizer que a construção da identidade cultural vai partir do próprio sujeito, conforme ele se constrói a partir da sociedade, na busca de ideias e significados que para ele se torne como o ideal a ser vivenciado/(re)construído.

A arte se mostra como grande influente na exploração/registro de diferentes culturas. O cinema é um exemplo, ele leva ao sujeito conhecimentos e informações de diferentes culturas, alcançando diferentes classes sociais, que com isso, adquirem diferentes maneiras de agir, atribuindo novos valores na formação da identidade cultural. Permitindo, assim, uma ampliação de relações culturais, não apenas quando acessamos imagens de outras culturas, mas quando isso nos leva literalmente à outros espaços a partir do que esse espaço nos oferece. Dessa forma, a partir dessas possibilidades de ir e vir, fica evidente como se encontra fragmentada a identidade do sujeito que enquanto constrói a cultura, se constrói pela cultura.

Parto do que se entende por cultura, e que esta se encontra como uma diversidade de culturas, a identidade cultural se torna um conjunto de diferentes identidades, fragmentada. Logo, cada indivíduo é possuidor da sua própria identidade cultural, que se constrói partindo de seu caminho percorrido, os conhecimentos adquiridos e suas afinidades. Dessa forma, fica difícil à homogeneização da identidade, quando o sujeito livre nas suas escolhas, se encontra com inúmeras possibilidades em relação a essa pluralidade de culturas.

As reflexões dessa investigação levam a uma produção artística, a qual se construiu junto com a pesquisa, e que se apresenta como uma videoinstalação. A ideia de que a identidade cultural está em constante mutação aparece no vídeo como a ideia de sua construção, ou assim dizer, uma reflexão de meus conhecimentos e minha imaginação representada a partir de autorretratos. São vários desenhos, e cada um deles aponta para a representação de uma cultura, cada qual com um olhar voltado para uma das maneiras ou ideias que tenho de ver o mundo. Desenhos que se fazem como a representação de culturas – remetendo à Michel de Certeau (2001) – que dialogam entre si.

A arte se mostra como a forma de representar a imaginação, e aqui nos autorretratos desenhados, brinca com a intenção de mostrar a construção em movimento. Para tratar da identidade, parto do “eu”, proponho representações de possíveis ideias de diferentes culturas que se revelam com traços de quem pretende provocar outras ideias, memórias, histórias ou imaginações. As ideias partiram principalmente do que a internet dispõe, sejam fotos, vídeos, desenhos ou qualquer outra forma de arte e informação; ao pesquisar essas imagens fui construindo diálogos com o que esses desenhos provocavam nas minhas lembranças, nas minhas histórias, as quais foram me construindo como sujeito.

A tecnologia se faz como meio, ou seja um recurso nesse processo de uma constante mutação na identidade cultural de cada indivíduo, o movimento que o *stop motion* permite reporta-me ao movimento da fragmentação, da soma de partes que no todo reconstrói o sujeito pós-moderno. Uma tecnologia que provoca mudanças na relação de tempo e espaço para o ser humano, levando a todos um mundo de ilimitados conhecimentos que se multiplicam a partir do interesse de cada um.

A videoinstalação pretende utilizar além do vídeo, os desenhos que nele se revelam como a construção da identidade, criando uma relação com o público, deixando-o mais íntimo das ideias que fazem parte da construção da identidade cultural do artista e do processo de criação da obra.

Acredito que a pesquisa me mostrou um lado que nunca tinha explorado desta maneira, na busca da construção do eu. O processo criativo se revelou partindo de reflexões que se tem sobre a identidade cultural, que aqui se propõe, por assim dizer, uma eterna juventude. O ato de tentar se reconhecer a partir de diferentes culturas que são o que revelam nossas marcas identitárias, a partir do estudo realizado. Acredito que não poderia imaginar as tantas possíveis relações que fazem parte como processo na construção da identidade cultural. Os desenhos se expõem partindo da imaginação, a relação ou não com o mundo real, mas existente em meu mundo. Essa construção se revela metaforicamente a partir das imagens aquilo que eu desejo, imagino e pretendo ser, não como estaticamente exibido, mas na essência que cada personagem representa. Dessa maneira pode-se dizer que a identidade cultural é o reflexo de uma construção particular de cada indivíduo, suas afinidades e maneiras de ver o mundo criam formas de serem representadas partindo do aprendizado que se tem com o contato com diferentes culturas. Imaginar a forma de caracterizar diferentes culturas, me mostrou o quanto a arte nos mostra maneiras de ver o mundo.

A experiência de se representar a partir dos autorretratos, se apresentam com propostas as vezes contraditórias, ou que representam até certo estranhamento, mas que revelou o que possivelmente sou: um artista em construção, um aprendiz de artista/pesquisador que aqui se expõe em uma produção artística teorizada academicamente enquanto um trabalho de conclusão de curso.

7. REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de arte – artes visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/lozo95/apostila-de-arte-10135779> Acesso em: 31/03/2014.

BARON, Dan; FARIA, Hamilton; FONTELES Bené; GARCIA, Pedro. **Arte e cultura pelo reencantamento do mundo**. Pólis/Fondation Charles-Léopold Mayer, 2009. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/1085/1085.pdf> Acesso em: 02/04/2014

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Disponível em: <http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/bauman-zygmunt-identidade.pdf> Acesso em: 09/04/2014.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BENTES, Ivana. **Vídeo e cinema: rupturas, reações e hibridismo**. In: Made in Brasil: Três Décadas do Vídeo Brasileiro. Arlindo Machado (org.). São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

BERGER, John. **Modos de Ver**. col. Arte & Comunicação. Lisboa: Edições 70, 1996.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. In: São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/spp/v15n2/8580.pdf> Acesso em: 26/03/2014.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**. 4^o edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Políticas culturales en América Latina**. México: Editora Grijalbo, 1987. Disponível em: <http://colegiodesociologosperu.org/nw/biblioteca/Políticas%20culturales%20AL.pdf> Acesso em: 07/05/2014

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Coleção Temas da Arte Contemporânea).

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. 2. ed. Campinas - SP: Papyrus, 2001.- (Coleção Travessia do Século).

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

DOS ANJOS, Moacir. (2005). **Local/global: arte em trânsito**. Rio de Janeiro. Arte + Jorge Zahar Editor.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FISCHMAN, Gustavo E. **Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional**. In: A Leitura de Imagens na Pesquisa Social – História, Comunicação e Educação. CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). São Paulo: Cortez, 2004, p. 109 – 125.

GEERTZ, Clifford. **A arte como sistema cultural**. In: O saber local. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 142-181, 1997

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: <http://www.geoideias.com.br/geo/images/livros/HALL,%20Stuart.%20A%20Identidade%20Cultural%20na%20Pos-Modernidade.pdf> Acesso em: 05/04/2014

_____. **Dá diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. Disponível em: http://www.grupodec.net.br/ebooks/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall.pdf Acesso em: 08/04/2014.

_____. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3201> Acesso em: 10/04/2014

LAFER, Celso. **A Identidade Internacional do Brasil e a Política externa Brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LANCRI, J. **Colóquio sobre a metodológica da pesquisa em artes plásticas na universidade** in BRITES, B., TESSLER, E. O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes Plásticas, Porto Alegre, Editora Universidade / UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4).

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Senac, 2008. Disponível em: <http://videopensamento.files.wordpress.com/2010/04/06-extremidades-do-video-videoinstalacao.pdf> Acesso em: 02/06/2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NAZÁRIO, Luiz. **Quadro histórico do pós-modernismo** in GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (org.). O Pós-modernismo, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2008

RAVA, Antonio. **Arte efêmera e transitória, implicações teóricas para a reprodução e conservação na especialidade da arte contemporânea**, in A Arte Efêmera e a Conservação, O paradigma da arte contemporânea e dos bens etnográficos, Instituto de História da Arte, Lisboa, 2010, p.119-124.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais: entre o possível e o impossível**. In: Teorias e Políticas da Cultura. Gisele Marchiori Nussbaumer (org). Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/139/1/Teorias%20e%20politicadas%20da%20cultura.pdf> Acesso em: 27/03/2014.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2006.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno?** Ed. Brasiliense, 2004, Coleção primeiros passos: 165.

SANTOS, José Luís dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996, Coleção primeiros passos: 110.

SEIDEL, Roberto Henrique. **Do futuro do presente ao presente contínuo: modernismo vs. pós-modernismo**, São Paulo, Annablume, 2001.

SOUZA, Aline Corrêa de & FERRAZ, Lucila Soares P. **Música, movimentos e artes visuais**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2006.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 07-51.